

Falta de verba emperra

Construção das duas estações de tratamento

a despoluição do Lago

está atrasada e só começará em dois anos

A poluição do Lago Paranoá que ameaça trazer de volta os mesmos problemas de 1978 com consequências desastrosas para a comunidade — só poderá ser enfrentada dentro de no mínimo dois anos. Este é o prazo previsto para as obras de ampliação e adaptação das duas estações de tratamento de esgoto. Mesmo assim ainda depende de uma série de estudos e recursos da ordem de Cz\$ 1,2 a Cz\$ 1,5 bilhão, segundo o secretário-geral da Caesb, Waldo Rholfs.

Enquanto as obras não são possíveis, já que o GDF terá de buscar recursos junto ao BNH, ao Banco Mundial e à Seplan, algumas medidas paliativas são tomadas para combater o principal agente poluidor do Lago, as algas e principalmente os aguapés. Elas crescem de forma exagerada absorvendo o oxigênio das águas em excesso e quando morrem infestam o ambiente. Uma das alternativas para essa situação foi a aplicação de algida (sulfato de cobre) para matar as algas. No começo do ano foi comprado um barco por Cz\$ 350 mil para ajudar na retirada dos aguapés. Mas o barco ainda não entrou em operação.

MATAR O INIMIGO

Segundo a Caesb, o enorme mau-cheiro que aconteceu no Lago em 1978 foi causado pela flora, aliada ao despejo in natura de esgotos ou os que são trazidos pelos seus mananciais. No combate aos agentes poluidores o tratamento é feito em fases classificadas de primária, secundária e terciária, conforme explicou o diretor de Tecnologia Ambiental da Caesb, Ari- des Silva Campos.

No tratamento primário obtém-se 40 por cento da demanda bioquímica de oxigênio (DBO) e 50 por cento dos sólidos em suspensão. A DBO e a quantidade de oxigênio necessária para remover a matéria orgânica. Na segunda fase, os técnicos melhoram o tratamento e a DBO atinge 90 por cento. Na fase terciária — que só será possível com a ampliação das estações — pode-se, além de melhorar a DBO, remover os nutrientes de fósforo e nitrogênio que servem de alimento para as algas.

Segundo o secretário-geral da Caesb, ainda não há uma data

certa para a publicação do edital das obras da estação de tratamento. Somente depois da liberação dos recursos é que o órgão começará os procedimentos administrativos para a construção da estação.

BARCO ENCALHADO

O barco encomendado pela Caesb para a retirada dos aguapés do Lago Paranoá, e ajudar na despoluição, foi construído com um custo de Cz\$ 350 mil. Mede oito metros de comprimento por quatro de largura e é dotado de caçamba hidráulica para remover até 500 quilos de aguapés. Sua velocidade máxima é de sete quilômetros por hora. Segundo a Caesb, além dessa finalidade básica de remoção dos aguapés, o barco pode ser utilizado ainda em casos de desastres ecológicos removendo qualquer material poluidor retido na superfície do Lago.

A Caesb acha indispensável retirar os aguapés para despoluir o Paranoá. Com o aumento dessa planta, o Lago vem perdendo muita água por evaporação excessiva. Além disso, as plantas servem de abrigo para caramujos, mosquitos e outros insetos nocivos ao homem. E ainda diminuem o oxigênio da água contribuindo assim para a mortandade de peixes. Esses aguapés se reproduzem com tremenda rapidez podendo chegar a 300 toneladas por hectare/ano. Daí a preocupação do Governo em conter este excesso que no momento vem infestando o Lago.

DOCUMENTO

Depois de um convênio assinado entre o GDF e a Seplan, o Governo federal se comprometeu em liberar recursos da ordem de Cz\$ 490 milhões para a primeira etapa do programa de despoluição do Lago. Nessa fase seriam executados os serviços de ampliação das estações de tratamentos de esgotos Norte e Sul, coleta e tratamento do esgoto do Guarã, Núcleo Bandeirante, Setor de Indústria, Cruzeiro Novo e Velho e ainda o Plano Piloto. Com essas medidas, segundo o projeto, seriam eliminadas as lagoas de oxidação do Guarã e do Setor de Indústria. Com isso os despejos não seriam mais lançados in natura no Lago Paranoá.